

## **Não Existe Mesmo Amor em SP? Grupos Marginalizados e a Reconstrução de um Imaginário Social para São Paulo (ou: Mais Amor, Por Favor)<sup>1</sup>**

Agnes de Sousa Arruda Rocco (UMC-SP)<sup>2</sup>  
Jorge Miklos (UNIP-SP)<sup>3</sup>

### **Resumo**

É quase consenso o fato de que as grandes cidades são vistas como rolos compressores que esmagam, sem clemência, aqueles que nelas vivem. Em São Paulo, essa imagem lúgubre a respeito do urbano está inscrita no imaginário social (Castoriadis, 2002) e se manifesta nas mais diversas formas, entre elas o cancionário popular. Insatisfeitos com essa representação, determinados grupos passaram a se organizar e a se manifestar comunicacionalmente, na contramão dos grandes meios, transmitindo mensagens positivas pela cidade. Trata-se de uma tentativa de resgate da função social da comunicação, aquela que estabelece vínculo entre seus agentes e não apenas se contenta em enviar e receber mensagens, bem como de constituir um novo imaginário a respeito da cidade pautado na proposta de uma Ecologia da Comunicação (Romano, 2004).

**Palavras-chave:** Imaginário social; Comunicação e Imaginário; Mídia Alternativa; Mídia Radical; Grupos Marginalizados

### **Introdução / Não Existe Amor em SP**

Grandes cidades são identificadas, entre outros aspectos, pela frieza e hostilidade com as quais convivem seus habitantes. Em São Paulo, capital do estado brasileiro homônimo e um dos principais polos econômicos da América Latina<sup>4</sup>, não é diferente. Além de carregar consigo alguns títulos como *Selva de Pedra* e *Cidade Cinza*, o município figura no imaginário popular, manifestado através de suas canções, como um lugar no qual relações humanas não são afáveis.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação, Imagem e Imaginários, XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professora coordenadora dos cursos de Design Gráfico, Jornalismo e Publicidade e Propaganda da Universidade de Mogi das Cruzes (UMC). Doutoranda em Comunicação pela Universidade Paulista (UNIP). Integrante do Grupo de Pesquisa Mídia e Estudos do Imaginário (UNIP). E-mail: [agnesarruda@gmail.com](mailto:agnesarruda@gmail.com).

<sup>3</sup> Orientador. Doutor em Comunicação pela PUC-SP. Pós-doutorado em Comunicação Comunitária pela UFRJ. É Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Midiática da Universidade Paulista e vice-líder do Grupo de Pesquisa Mídia e Estudos do Imaginário (UNIP). E-mail: [jorgemiklos@gmail.com](mailto:jorgemiklos@gmail.com).

<sup>4</sup> Pesquisa realizada pela Civil Service College de Cingapura e a Chapman University em 2014 aponta que São Paulo – Capital é a cidade mais influente da América Latina no que diz respeito a elementos como conectividade aérea, diversidade, investimento estrangeiro direto, sedes de empresas, produção de serviços, serviços financeiros, tecnologia e mídia, e dominação industrial. (BBC Brasil, 2016)

Apesar de tal atributo poder ser facilmente ouvido nas letras de rap de músicos como Sabotage, ou grupos como Racionais MCs, e recentemente no que canta Criolo em *Não Existe Amor em SP*, letras que ressaltam como o *Motor do Brasil*, outro título que carrega a capital paulista, tritura seus moradores, também estão presentes na MPB, no Rock e em uma infinidade de outros estilos musicais. É o que se observa, apenas para citar como exemplo, com Tom Zé em *São São Paulo*, Billy Blanco em *Amanhecendo, Ira!* em *Pobre Paulista*, 365 em *São Paulo* e Inocentes em *Pânico em SP*, entre outros.

As representações que dão conta de imaginar a *cidade que nunca dorme* em uma megera aparecem também no noticiário e estão na boca do povo. As pichações a seguir são alguns exemplos:

Imagem 1: Durante a onda de protestos motivados contra o aumento da tarifa do transporte público em São Paulo, muitos prédios e monumentos foram pichados. Os manifestantes aproveitaram para inserir outras reivindicações na pauta, como a luta contra o racismo, deixando claro que, depois de tantos anos, a cidade continua abrigo para quem não aceita pessoas de diferentes etnias.



Fonte: UOL, 2013.

Imagem 2: Ainda na temática racismo e intolerância, em 2011, uma moradora do bairro Higienópolis se posicionou contra a instalação da linha 4 do metrô na região, considerada nobre, em uma entrevista para a televisão. Ela alegou que uma estação no bairro atrairia, em suas palavras, “gente diferenciada”. Após a polêmica, foi feita no muro da Mackenzie, a seguinte pichação:



Fonte: R7, 2011.

A velocidade (VIRILIO, 1996), a liquidez das relações (BAUMAN, 2000), as desigualdades sociais<sup>5</sup> que assolam países em desenvolvimento como o Brasil... Todos esses podem ser vistos como elementos que permitem tal visão de mundo relacionada às grandes cidades. No entanto, o que se pontua aqui não é como a visão de mundo é formada, mas sim o fato de ela existir.

Nesse sentido, vale ressaltar que São Paulo foi fundada apenas 54 anos após a chegada dos portugueses no Brasil. Sua população original foi um resultado da miscigenação dos colonizadores com índios, unindo conhecimentos ancestrais da natureza e do território com todo o refinamento que a Europa do século XVI poderia oferecer. Mais adiante, além dos africanos, convertidos em escravos, São Paulo passou ainda a abrigar migrantes e imigrantes, fugitivos, refugiados e povos em busca de uma oportunidade para recomeçar a vida, como salienta Raquel Rolnik:

São Paulo, virada do século: uma cidade que rapidamente acumula capitais e atrai um intenso fluxo imigratório europeu. O primeiro grupo estrangeiro a chegar em fins do século 19, foi italiano: entre 1888 e 1900 passaram por São Paulo quase

<sup>5</sup> Em janeiro deste ano a revista Carta Capital publicou o resultado de uma pesquisa realizada por um instituto na Suíça que traz dados da desigualdade social no mundo. O alarmante foi constatar que, em 2015, a concentração de riqueza mundial pôde ser comparada com a da Europa no início do século XIX. (COSTA, 2016)

900 mil imigrantes, dos quais 70% era provenientes da Itália. Nas duas décadas seguintes, outros 900 mil europeus passaram pela capital, distribuindo-se quase igualmente entre portugueses, espanhóis e italianos. Entre 1908 e 1930 se instalaram em São Paulo cerca de 50 mil sírios e libaneses e 35 mil judeus, oriundos principalmente da Europa ocidental no pós-guerra, que se somaram a um grande número de europeus. A cidade na virada do século já contava com uma população de 250 mil habitantes, dos quais mais de 150 mil eram estrangeiros. O último grande grupo estrangeiro a entrar foi o japonês, principalmente a partir da segunda década do século 20. (2003, p. 16).

Esses imigrantes fundamentavam sua esperança no trabalho. A respeito dessa centralidade no trabalho, Kamper (1998, p. 52) explica:

O trabalho é responsável pela criação do novo homem e esse novo homem é um dos sonhos mais antigos da tradição europeia, seria a pedra filosofal, o ouro buscado pelos alquimistas, e seria, também, a quintessência buscada pelos alquimistas que sempre foi compreendida como um movimento ascendente na matéria, no qual os quatro elementos acabam se aperfeiçoando, acabam ficando mais nobres, e o resultado seria um processo de espiritualização que teria de por termo nesta já mencionada ascensão ao céu, esta despedida da Terra.

Em outro texto o autor ainda diz:

O corpo humano é transformado em serviço – como força de trabalho, atendente, aprendiz, objeto de observação e objeto sexual, foco de doenças - além dos limites apropriados. Ele deixa de trabalhar, torna-se impotente ou frígido, produz sintomas crônicos, envia sinais cada vez mais incompreensíveis e confusos, subtraindo dessa maneira “paulatinamente” os princípios fundamentais para o princípio da organização social, aquela instância abstrata e geral sob o domínio da natureza. (KAMPER, 2015, p. 7)

Percebe-se que, para Kamper, o trabalho que antes era visto apenas como uma forma de se sustentar transformou-se, em determinadas sociedades (como a paulistana, objeto deste estudo), em uma forma de sublimação da vida humana. Sendo hoje o principal centro financeiro, corporativo e mercantil do hemisfério sul, a cidade representa a vitória do modelo capitalista de vida, no qual a meritocracia e o trabalho são vistos, muitas das vezes, como as únicas saídas para o sucesso.

### **São Paulo e o Imaginário Social**

Conforme afirma Castoriadis (2002, p. 240-241),

Toda sociedade (como todo ser ou espécie vivente) *instaura, cria seu próprio mundo*, no qual, evidentemente, ela “se” inclui. [...] Em suma, é a instituição da sociedade que determina o que é e o que não é “real”, o que “tem sentido” e o que é desprovido dele. [...] Toda sociedade é um sistema de interpretação do mundo; [...]. Toda sociedade é uma construção, uma constituição, uma criação de um mundo, de seu próprio mundo. Sua própria identidade nada mais é que esse “sistema de interpretação”, esse mundo que ela cria. É por isso que (da mesma forma que

qualquer indivíduo) ela percebe como perigo mortal qualquer ataque a esse sistema de interpretação; ela o percebe como um ataque contra sua identidade, contra ela mesma.

Assim sendo, a partir do elucidado pelo autor, ver São Paulo como uma frígida anfitriã de seus moradores é tanto uma realidade factual constatada a partir de suas características concretas, quanto uma construção do imaginário social, que a reproduz em suas produções culturais e, assim, a reconstrói e ressignifica ao longo dos anos. Basta, no entanto, um olhar de fora daquele grupo para perceber que as realidades propostas pelo imaginário social são flutuantes e dizem respeito àquele grupo específico. Ainda falando de produções culturais, tem-se a crônica *Desculpa, São Paulo*, de Gregório Duvivier, publicada na Folha de S.Paulo de 15 de setembro de 2014, que demonstra exatamente tal ponto de vista:

#### **Desculpa, São Paulo**

Na última coluna, falei mal do Rio e bem de São Paulo. Ofendi profundamente muitos paulistanos. Recebi uma enxurrada de e-mails: "Você fala assim porque não mora aqui. É fácil falar bem, quero ver se mudar pra cá." Não se elogia São Paulo impunemente. Elogiar a cidade é trair o espírito paulistano. Parece que existe um acordo telepático: "Pessoal, vamos combinar que a gente odeia isso aqui? Ótimo".

Desculpa, São Paulo. Quando te elogiei, não quis te ofender. A intenção era falar mal, não sei o que deu em mim, acabei falando bem. Sim, sei que você tem problemas. Mas acho que estou meio gostando de você. Desculpa. Calma. Não bate em mim.

Em minha defesa: sou carioca. O ufanismo é uma tradição local, assim como o biscoito Globo, o mate de galão e aquele atraso de meia horinha. A cidade que inventou o aplauso ao pôr do sol popularizou o autoaplausos —também conhecido como beijinho no ombro. O cancionista popular carioca é uma sucessão de autorreverências: sou foda, o Rio de Janeiro continua lindo, meu Exército é pesado a gente tem poder, cidade maravilhosa, na cama te esculacho, coração do meu Brasil. Os hinos paulistanos são muito mais modestos: a deselegância discreta de suas meninas, São, São Paulo, quanta dor, não existe amor em SP, o largo dos Aflitos não era largo o bastante pra caber minha aflição.

São Paulo inventou o um-beijinho-só, essa coisa de gênio. O beijinho do cumprimento é uma formalidade que não envolve nem prazer nem afeto real. Outro acordo telepático: "Vamos combinar que é um beijinho só? Ótimo".

São Paulo tem medidor de poluição nos relógios. Não vejo nenhuma justificativa pra isso a não ser o prazer no autoflagelo. O que vai mudar pra sua vida agora que você sabe que o ar está péssimo? Nada. Você não vai comprar uma máscara de oxigênio. Não vai plantar uma árvore. Mas agora você pode reclamar que o ar está péssimo. Ótimo.

O excesso de amor-próprio do carioca gerou uma cidade insuportável —cega para os seus problemas. O hábito da autopichação acabou deixando o paulistano com sérios problemas de autoestima —deixa um carioca deslumbrado te amar, São Paulo.



O texto deixa bem claro que o paulistano ama odiar São Paulo, mas que, apesar disso, nem todos vêm a capital como um ambiente frio e inóspito. Com a crônica, percebe-se muito claramente que o imaginário social é uma variável, e que ver São Paulo como uma geladeira não é a única possibilidade existente. Por sorte, há um certo tempo, grupos marginalizados<sup>6</sup> já têm percebido isso e têm trabalhado, comunicacionalmente, para a construção de um novo imaginário social.

### **Mais Amor, Por Favor**

Foi em 2009 que os muros de São Paulo começaram a receber a pichação, que posteriormente se tornou poster lambe-lambe, *Mais Amor, Por Favor*. De autoria do artista plástico Ygor Marotta, o projeto surgiu como “[...] um pedido, uma imploração (mas com educação) em meio à toda agressividade, indiferença e velocidade de uma metrópole como São Paulo”, (MAROTTA, 2016). De sete anos para cá, o artista viu sua criação ganhar vida própria, com outras pessoas reproduzindo sua frase, falando sobre ela – e sobre o movimento – e a usando de inspiração para suas próprias criações.

[...] No decorrer do tempo, a frase ganhou dimensão, repercursão e aliados, se transformou em um organismo vivo. Saiu de São Paulo, está estampando muros de diversas cidades, inclusive fora do Brasil. Através da internet, ganhou mais divulgação e vida. Está em blogs, tumblrs, flickrs, twitter e facebook. Se tornou inspiração para poesia, música, fotografia e até mesmo tirinhas de jornal. Abriu uma discussão sobre a necessidade de um princípio básico para vivermos em comunidade. (MAROTTA, 2016)

A grande adesão e repercursão de *Mais Amor, Por Favor* pode ser analisada de diversas formas. No entanto, sob o viés proposto neste estudo, fica claro que a pertinência da mensagem está justamente no fato de que o conjunto de representações pelas quais o mundo – no caso São Paulo – é visto não faz mais sentido para esse determinado grupo de pessoas, que começa a se movimentar para criar um novo imaginário social para a capital paulista.

A afirmação se fundamenta no que explica Romano, em *Ecología de la Comunicación* (2004, p. 64):

Las comunidades del medio propio tienen que crearse. Como evidencia la crisis bioecológica, no son la forma obvia de coexistencia. Existen muchas pautas de

---

<sup>6</sup> Beltrão (2001), ao desenvolver a teoria da Folkcomunicação, descreveu também o que seriam os grupos marginalizados, ou seja, à margem da sociedade que não se identificam com os conteúdos veiculados pelos meios de comunicação hegemônicos, seja por não ter acesso a eles ou por, de alguma forma, aquele conteúdo não os representar. Essa marginalização pode ser cultural, geográfica, política, social... Definindo Beltrão em grupos rurais marginalizados e urbanos marginalizados.

comportamento diferentes, como la hostilidad, la indiferencia, etc. Las comunidades requieren unas relaciones determinadas. Y es aquí donde la comunicación constructiva de comunidad se distingue cualitativamente de la simple relación, igual que ésta se distingue del aspecto informativo y éste del signico. Ni todas las relaciones crean comunidad, ni todas las informaciones generan relaciones. Sólo las señales codificables y decodificables pueden transmitir informaciones, y sólo pueden constituirse relaciones mediante informaciones que tengan relevancia socioemocional.

Para o autor, falar de Comunicação é muito mais que falar sobre a emissão e a recepção das mensagens; de seus sinais e signos... Fala-se aqui da criação de vínculos entre os agentes do processo que, nas investigações mais comuns sobre a disciplina, acabaram passando despercebidos. Ainda de acordo com Romano,

La comunicación dentro de un medio propio con otras personas genera experiencias de un medio social propio, mientras que la interacción con la naturaleza genera experiencias de un medio natural. Todas estas percepciones transmiten vivencias de vinculación y sentimientos de seguridad, de suerte que el mundo pasa a ser una casa en la que nos sentimos a gusto, el mundo deviene hogar. Este tiene importancia porque la manera en que se perciba el mundo determinará las relaciones que se establezcan y cultiven. La creación de comunidades propias es posible cuando se establecen relaciones comunicativas que no sólo responden a los intereses propios, sino que también respetan los deseos y bienestar del otro. (p. 63-64)

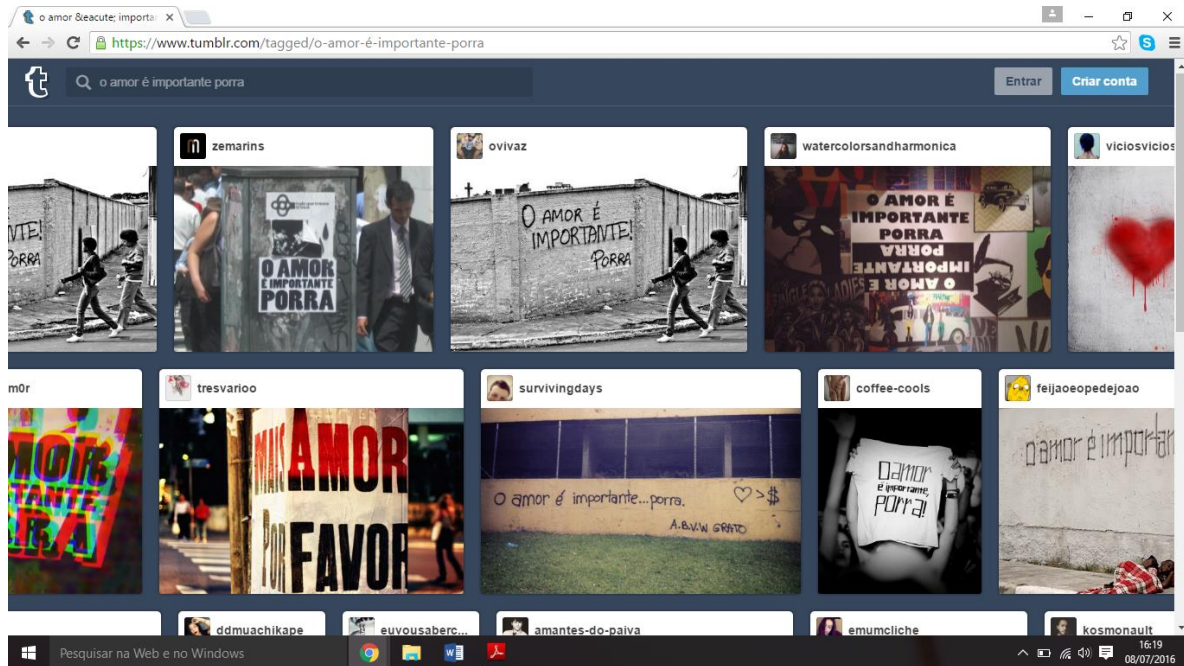
Se as comunidades se tornam possíveis através do estabelecimento de relações comunicativas entre seus membros, numa preocupação com o bem-estar coletivo, o exemplo *Mais Amor, Por Favor*, se encaixa perfeitamente nesse caso.

Imagem 3: Poster de *Mais Amor, Por Favor*, em muro da capital paulista



Fonte: MAROTTA, 2016

Imagem 4: Na mesma temática de *Mais Amor, Por Favor*, o picho *O Amor É Importante, Porra*, também vem ganhando as ruas paulistanas. Ainda sem autoria reivindicada, a frase aparece nos muros e postes da cidade nas mais diversas formas. A seguir, print da busca de resultados na rede social da internet *Tumblr*.



Fonte: TUMBLR, 2016

### Reconstrução do Imaginário Social – Por uma Ecologia da Comunicação

A construção do imaginário social da qual fala Castoriadis (2002) é atravessada pelos processos comunicacionais. Inerente ao ser humano, seu objetivo final “es la comprensión de los seres humanos para la cooperación en el conocimiento, empleo y/o modificación de la naturaleza, a fin de garantir su existencia y su desarrollo físico y espiritual”, (ROMANO, 2004, p. 58).

Ainda de acordo com o autor,

La comunicación es un factor esencial de la división del trabajo y de lá cooperación, es decir, uno de los supuestos y condiciones de la existencia social del hombre. El reflejo adecuado de la realidad en la conciencia de los individuos, el intercambio de contenidos de conciencia, su verificación social y en consecuencia, su aplicación a la praxis social, sólo es posible a través de la comunicación. La comunicación es, pues, un elemento constituyente de la praxis y las relaciones sociales. (idem)

No entanto, conforme adiantado, se a comunicação em si é inerente ao ser humano, as pesquisas que sobre ela se dedicam são bem mais recentes. Mattelart (1999) apresenta como pioneira nesses estudos a Escola de Chicago, fundadora das primeiras reflexões teóricas sobre a comunicação humana a partir do início do século XX, justamente quando a



comunicação em massa é uma realidade, com os veículos impressos já difundidos por toda Europa e Novo Mundo, e a mídia eletrônica à distância, com o rádio, passava a se solidificar.

Assim, pode-se dizer, que tirando o aspecto antropológico da coisa, as técnicas e as práticas da comunicação humana começaram de fato a ser estudadas com um único objetivo: o da efetividade da transmissão da mensagem pretendida por um emissor. E daí essa área evoluiu, sem se dar conta de que, na verdade, ao invés de se estudar a Comunicação Humana, estudava-se os MEIOS<sup>7</sup>.

Nesse sentido, resgata-se o que diz Baitello (1998, p. 11) sobre o fato de que “Todo processo comunicativo tem suas raízes em uma demarcação espacial chamada corpo”. Isso porque tanto Baitello, quanto Romano, dialogam com os estudos de Pross (1972 apud Baitello, 1998) no sentido que os estudo da área da Comunicação devem, de certa forma, voltar seus olhares tão comumente direcionados aos veículos eletrônicos e à comunicação de massa, adaptados ao formato clássico da comunicação centrada na emissão, àquela denomina de mídia primária, ou seja, o corpo em suas raízes.

Segundo Baitello (1998, p. 12),

As investigações da mídia primária, o corpo e suas incontáveis possibilidades de produção de linguagens têm sido relegadas a um segundo plano nas ciências da comunicação (mas não na Psicologia, na Etologia Humana, na Antropologia). Os sons e a fala, os gestos com as mãos, com a cabeça, com os ombros, os movimentos do corpo, o andar, o sentar, a dança, os odores e sua supressão, os rubores ou a palidez, a respiração ofegante ou presa, as rugas ou cicatrizes, o sorriso, o riso, a gargalhada e o choro são linguagens dos meios primários.

[...]

A instância “corpo” é fundante para o processo comunicativo. É com ele que se conquista a vertical, a dimensão do espaço que configura as codificações do poder. É com ele que se conquista a dimensão da horizontalidade e as relações solidárias de igualdade. É com o corpo, gerando vínculos, que alguém se apropria de seu próprio espaço e de seu próprio tempo de vida, compartilhando-os com outros sujeitos. Mas é também aí, no estabelecimento de vínculos, materiais ou simbólicos, que inicia a apropriação do espaço e do tempo de vida de outros.

---

<sup>7</sup> Não à toa a afirmação de Marshal McLuhan (2002) de que “o meio é a mensagem” foi – e continua sendo – tão aclamada entre os teóricos da comunicação.

No entanto, ao se falar em corpo, é preciso deixar bem claro que não se trata do biológico, apenas. O corpo do qual falam Baitello e Pross é aquele que Morin (1979) denominou de homem complexo, *sapiens-demens*; o homem bio-psico-sócio-cultural. Para ele,

Trata-se de um ser de uma afetividade imensa e instável, que sorri, ri, chora, um ser ansioso e angustiado, um ser gozador, embriagado, extático, violento, furioso, amante, um ser invadido pelo imaginário, um ser que conhece a morte não pode acreditar nela, um ser que segrega o mito e a magia, um ser possuído pelos espíritos e pelos deuses, um ser que se alimenta de ilusões e de quimeras, um ser objetivo cujas relações com o mundo objetivo são sempre incertas, um ser submetido ao erro, ao devaneio, um ser híbrido que produz a desordem. (MORIN, 1979, p.116)

Assim, volta-se a Romano (2004, p. 62) para entender que, para o homem supracitado, En “el concepto de comunicación engloba [...] compartir lo que se tiene en común, de reciprocidad y de diálogo, así como de interacción con el medio y transmisión de diversos procesos”.

Nesse sentido, os processos de comunicação deveriam possibilitar não a mera conexão, mas também a vinculação.

Gracias a la comunicación no sólo se puede experimentar la compenetración, la solidaridad con los otros y con el mundo, sino también la pertenencia a una comunidad. En esta vivencia de lo comun (*Mitwelt*), es donde se da la función básica de la comunicación, según la tesis ecologista: la comunicación gera comunidad, *communicatio* crea *communio*. (idem, p. 63)

No entanto, com o desenvolvimento da chamada sociedade da informação e o aumento quase que imensurável do uso dos meios eletrônicos e visuais de comunicação<sup>8</sup>, a pergunta que se faz é se o homem bio-psico-sócio-cultural está realmente informado; ou se é apenas sua casca que recebe as mensagens, mas sem condições de absorvê-las e decodificá-las para a vida em comunidade.

Para Romano, trata-se da segunda opção:

Abundancia de información y escasez de comunicación, éste parece ser uno de los rasgos distintivos de la llamada “sociedad avanzada” de hoy. Se dan hechos tan contradictorios como que el número de personas que sufren hambre sea superior al de ordenadores, o que las antenas de televisión se instalen antes que el encantarillado de barrios y ciudades. (2004, p. 68-69)

---

<sup>8</sup> Apenas para mencionar como exemplo, dados da ANATEL indicam o Brasil terminou o mês de abril de 2016 com 256,4 milhões de aparelhos celulares; isso dá mais que um aparelho por habitante (TELECO, 2016), quando, no entanto, nem 50% da população tem acesso à água e a esgoto tratados (TERA, 2015).

No entanto, ainda na perspectiva do autor, nem tudo está perdido. “Si se utiliza correctamente, la información puede elevar el nivel de conocimientos, de conciencia, y contribuir así a ampliar el dominio de la necesidad y, por ende, ampliar el dominio de la libertad”, (idem, p. 70).

### **Considerações Finais**

A própria história faz de São Paulo um lugar diferente dos demais. Apesar de o capitalismo imperar na maior parte das cidades e nações, em São Paulo o sistema encontrou um ambiente próspero por suas próprias características, que afirmam que o sucesso só se alcança com base no suor e no trabalho. Sem questionar o fomento da ideologia do progresso que está por trás desse pensamento, constata-se que, com o passar dos anos, constituiu-se um imaginário social entre os moradores de São Paulo de uma cidade fria e inhospita, que engole, trucidada, passa por cima de quem quer que seja. “A cidade em primeiro, os moradores, quem sabe, depois”; esse é o pensamento. Constituído, o imaginário passa a ser reproduzido e, conforme é assimilado, ganha força e autonomia e retroage sobre aqueles que o criam.

Apesar de instituído, o imaginário social não é imutável e, com base nisso – até mesmo sem saber – grupos às margens da sociedade se posicionam a favor da criação de um novo imaginário social para a capital paulista. Trata-se do estabelecimento de uma vinculação proporcionada pela comunicação em sua essência; aquela que vai além do emitir e receber mensagens, mas sim se preocupa com a comunhão, o compartilhamento, a preservação dos agentes da comunidade envolvidos no processo. Essas mensagens, ao serem concebidas e estabelecidas, consideram o homem em sua essência, e não apenas um ser que precisa ser alimentado com o máximo de informações necessárias. Aqui, o sentido é o de que o viver em uma comunidade harmônica é uma questão de sobrevivência na contemporaneidade.

### **Referências**

BAITELLO Jr. Norval. **Comunicação, Mídia e Cultura**. In São Paulo em Perspectiva. V. 12, nº 04, Comunicação e Informação, Out-Dez. 1998. Disponível em <[http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v12n04/v12n04\\_02.pdf](http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v12n04/v12n04_02.pdf)>. Acesso em 11 jul. 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2000.

BBC Brasil. **São Paulo é cidade mais influente da América Latina em ranking global.** 19 ago. 2014. Disponível em <[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/08/140819\\_cidade\\_influente\\_saopaulo\\_hb](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/08/140819_cidade_influente_saopaulo_hb)>. Acesso em 7 jul. 2016.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: Um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.  
DUVIVIER, Gregório. **Desculpa, São Paulo.** In Folha de S.Paulo. **Colunistas.** 15 set. 2014. Disponível em <[http://www1.folha.uol.com.br/colunas/gregoriioduvivier/2014/09/1515900-desculpa-sao-paulo.shtml#\\_=\\_](http://www1.folha.uol.com.br/colunas/gregoriioduvivier/2014/09/1515900-desculpa-sao-paulo.shtml#_=_)>. Acesso em 7 jul. 2016.

CASTORIADIS, Cornelius. **As Encruzilhadas do Labirinto II – Os Domínios do Homem.** 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002

COSTA, Antonio Luiz M. C. **A Desigualdade Social Chega a Níveis Alarmantes.** In Carta Capital, 5 jan. 2016. Disponível em <<http://www.cartacapital.com.br/revista/873/no-mundo-de-os-miseraveis-5584.html>>. Acesso em 8 jul. 2016.

KAMPER, Dietmar. **O trabalho como vida.** São Paulo: Annablume, 1998.

\_\_\_\_\_. **Corpo.** Disponível em <<http://cisc.org.br/portal/index.php/pt/biblioteca/finish/3-kamperdietmar/13-corpo/0.html>>. Acesso em 7 jul. 2015.

MAROTTA, Ygor. **Mais amor, por favor.** Disponível em <<http://ygormarotta.com/filter/mais-amor-por-favor>>. Aceso em 7 jul. 2016.

MATTELART, Armand. **História das Teorias da Comunicação.** São Paulo: Loyola, 1999.

MCLUHAN, Marshall. **Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem.** 12 ed. São Paulo: Cultrix, 2002

MORIN, Edgar. **O enigma do homem.** Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

PROSS, H. **Medienforschung. Film, funk, presse, fernsehen.** Darmstadt, Carl Habel, 1972 apud BAITELLO Jr. Norval. **Comunicação, Mídia e Cultura.** In São Paulo em Perspectiva. V. 12, nº 04, Comunicação e Informação, Out-Dez. 1998. Disponível em <[http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v12n04/v12n04\\_02.pdf](http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v12n04/v12n04_02.pdf)>. Acesso em 11 jul. 2016.

R7. **Muro de obra da estação Mackenzie do Metrô é pichado.** 18 mai. 2011. Disponível em <<http://noticias.r7.com/sao-paulo/noticias/muro-de-obra-da-estacao-mackenzie-do-metro-e-pichado-20110518.html>>. Acesso em 11 jul. 2016.

ROMANO, Vicente. **Ecología de la comunicación.** Hondarribia: Editorial Hiru, 2004.

ROLNIK, Raquel. **São Paulo.** São Paulo: Publifolha, 2003.



**TELECO. Estatísticas de celulares no Brasil.** Disponível em <<http://www.teleco.com.br/ncel.asp>>. Acesso em 11 jul. 2016.

**TERA. A situação do saneamento básico no Brasil.** 23 abr. 2016. Disponível em <<http://www.teraambiental.com.br/blog-da-tera-ambiental/a-situacao-do-saneamento-basico-no-brasil>>. Acesso em 11 jul. 2016.

**TUMBLR. O Amor é importante, porra.** Disponível em <<https://www.tumblr.com/tagged/o-amor-%C3%A9-importante-porra>>. Acesso em 8 jul. 2016.

**UOL. Monumentos e prédios públicos são depredados durante protestos.** 23 out. 2013. Disponível em <<http://noticias.uol.com.br/album/2013/10/23/monumentos-e-construcoes-publicos-sao-pichados-durante-protestos.htm?mobile>>. Acesso em 11 jul. 2016.

**VIRILIO, Paul. Velocidade e Política.** São Paulo: Estação Liberdade, 1996.